

formação de hábitos, e que esse aspecto, assim como a imitação, não pode ser descartado.

O foco na análise contrastiva não é suficiente para explicar todos os erros e acertos, mas é inegável que alguns podem ser explicados por ela, contudo outros fatores, como os emocionais, não são considerados.

A teoria behaviorista não apresenta argumentação convincente sobre ASL, mas influenciou e continua influenciando o ensino de línguas. O conceito de língua como um conjunto de estruturas básicas ainda prevalece em muitos materiais didáticos e muitos professores ainda acreditam que a língua materna é a principal fonte de interferência negativa na aquisição.

CAPÍTULO 2

MODELO MONITOR, HIPÓTESE DO INPUT OU DA COMPREENSÃO

Krashen e seu modelo de aquisição, ora denominado de modelo monitor, ora de hipótese do *input*, e, atualmente, de hipótese da compreensão, está para a linguística aplicada assim como Chomsky e sua teoria gerativa estão para a linguística. Difícilmente outras teorias foram tão combatidas e, ao mesmo tempo, tão citadas quanto essas duas. Alguns dos construtos dessas teorias entraram definitivamente para o vocabulário das duas áreas, tais como as dicotomias competência/desempenho de Chomsky, na linguística, e aquisição/aprendizagem de Krashen, na linguística aplicada. O modelo proposto por Krashen sofreu forte influência da concepção de língua e de aquisição chomskiana.

1. O modelo monitor

Krashen (1978)¹ apresenta, na segunda metade dos anos 1970, os argumentos fundantes de suas hipóteses para a aquisição de SL, reunidas no modelo monitor. Ele considera que tanto os ambientes formais quanto os informais contribuem para a proficiência linguística, porém, de forma

¹ Outros textos sobre o modelo foram publicados no ano anterior: S. Krashen, *The Monitor Model for Second Language Performance*, in: M. Burt; H. Dalay; M. Fiuococharo (orgs.), *Viewpoints on English as a Second Language*. Nova York: Regents, 1977; S. Krashen, *Some Issues Related to the Monitor Model*, in: H. D. Brown; C. Yorio; R. Cymes (orgs.), *On TESOL 77 - Teaching and Learning English as a Second Language: Trends in Research and Practice*. Washington: TESOL, 1977.

diferente. O ambiente informal contribuiria com o insumo necessário para as operações mentais, gerando o *intake*, ou seja, a absorção do insumo linguístico. Já o ambiente formal, a sala de aula, seria responsável pelo desenvolvimento do monitor, ou seja, um editor da produção linguística que se utiliza do conhecimento consciente da gramática aprendida.

Krashen (1978: 1) descreve o modelo monitor da seguinte forma:

O modelo de desempenho de segunda língua, denominado modelo monitor, postula que o ator da segunda língua pode "interiorizar"² regras da língua-alvo por meio de um dentre dois sistemas: uma forma implícita, denominada *aquisição* inconsciente da língua, e uma forma explícita, denominada *aprendizagem* consciente da língua.

Krashen compara a aquisição à aprendizagem da primeira língua pelas crianças, que requer uma interação significativa na língua-alvo, ou seja, uma interação espontânea em que os falantes não estão preocupados com a forma de seus enunciados. A aprendizagem consciente funcionaria apenas como **monitor**. Ele entende que, na aquisição, a correção explícita de erros não parece relevante, mas que, na aprendizagem consciente, a atenção ao erro pode ajudar.

Krashen (1981) apresenta condições para o uso bem-sucedido do monitor. A primeira condição é o **tempo**. Em situação de conversação, por exemplo, o aprendiz, geralmente, não tem o tempo necessário para pensar nas regras gramaticais, de forma a usá-las conscientemente. A segunda é o **foco na forma**, ou correção, e a terceira é o **conhecimento da regra**. Ele reconhece que são raras as situações em que as três condições são satisfeitas.

Krashen (1981: 12-13) lista três características do monitor:

1. Usuários bem-sucedidos do monitor editam o *output* da segunda língua quando não há interferência na comunicação.
2. Essa edição resulta em desempenho variável, isto é, percebemos tipos e quantidades diferentes de erros sob condições diferentes.
3. Os usuários do monitor demonstram preocupação com a "correção" linguística e consideram sua produção de fala e escrita não monitorada como descuidada.

Com base em evidências empíricas em pesquisas desenvolvidas por ele e outros pesquisadores, Krashen apresenta exemplos que comprovam essas características. Dentre os exemplos, chama a atenção o de um aprendiz que usa o monitor em excesso e por isso tem dificuldade na comunicação oral.

2. O *intake* (insumo absorvido)

A condição essencial para que a aquisição aconteça é o *intake*. Para Krashen (1981: 101), "*a principal função da sala de aula de segunda língua é prover intake para a aquisição*"³.

Krashen (1978: 17) afirma que as correções dos adultos focam a habilidade de comunicação com um ouvinte e, baseando-se na interação dos adultos com crianças, propõe as seguintes características do *intake*, entendido como a aquisição ótima do *input*:

1. O *intake* é adquirido pelo aprendiz⁴: se o aprendiz está no estágio G_n do desenvolvimento gramatical, ele pode progredir para o próximo estágio G_{n+1} , compreendendo a sintaxe G_{n+1} com a ajuda do contexto.
2. O *intake* está em um nível ligeiramente à frente de G_n , o estágio atual da competência gramatical do aprendiz.
3. O *intake* é sequenciado: vai progressivamente ficando mais complexo.
4. O *intake* é comunicação natural. Ninguém fala com uma criança para ensinar a língua, mas para se comunicar. A aquisição parece acontecer mais quando o usuário da língua foca na mensagem e não na forma.

Krashen avalia algumas atividades de sala de aula, em termos de *intake*, e considera que, nos estágios elementares e intermediários, a conversação livre, rádio ou TV podem não funcionar porque os alunos frequentemente têm problemas de compreensão, mas podem ser muito úteis para alunos de níveis mais avançados. Essas atividades não atenderiam às três primeiras características do *intake*. Em muitos casos, essas atividades seriam as únicas oportunidades de adquirir certas

² Grifo no original.

³ Krashen não usa a palavra *aprendiz* (*learner*), mas *acquirer*, que poderia ser traduzida como *adquirente*. Optei por *aprendiz*, pois o termo *adquirente* não é usado na literatura da área em português.

⁴ Prefiro usar o termo *interiorizar* ao neologismo *intermalizar*.

estruturas. O autor descarta, totalmente, os exercícios de repetição mecânica, onde não há nenhuma intenção comunicativa, mas considera que atividades de repetição comunicativa, ou seja, onde o aluno pode dizer a verdade ou mesmo representar (*role-play*) têm potencial para satisfazer todos os requisitos do *intake*.

Krashen (1981: 102-103) afirma:

Intake é antes de tudo *input compreendido*⁵. De fato, a compreensão pode estar no centro do processo de aquisição de língua: talvez a gente aprenda pela *compreensão* de uma língua que está "um pouco além" de nosso nível atual de competência. Isso é feito com a ajuda de contexto extralinguístico ou nosso conhecimento de mundo. Em termos mais formais, se o aprendiz está no estágio *i* na aquisição da sintaxe, ele pode progredir para o estágio *i+1* ao compreender o *input* naquele nível de complexidade.

3. As hipóteses

Krashen (1985), no livro intitulado *Input Hypothesis*, apresenta sua teoria de aquisição composta de cinco hipóteses:

1. Hipótese da aquisição-aprendizagem
2. Hipótese da ordem natural
3. Hipótese do monitor
4. Hipótese do *input*
5. Hipótese do filtro afetivo

A hipótese da **aquisição-aprendizagem** prevê que há duas formas de desenvolver a segunda língua. A primeira é inconsciente, por ele denominada de aquisição, assemelhada ao processo de crianças aprendendo a língua materna. A segunda, denominada de aprendizagem, é consciente e significa o 'saber sobre' a língua.

A hipótese da **ordem natural**, inspirada em Corder (1967), prevê que nós adquirimos as regras de uma língua em uma ordem previsível, que não depende da ordem como as regras são ensinadas na sala de aula.

A hipótese do **monitor** reforça que nossa habilidade em produzir enunciados em outra língua é fruto de um conhecimento inconsciente

e que o conhecimento consciente tem como função o monitoramento. Esse conhecimento consciente serve para editar, ou seja, fazer correções no *output* antes das produções escritas ou orais. Esse foco na forma visa à precisão gramatical.

Krashen (1985: vii) confessa que sua hipótese favorita é a do *input*⁶ e que, ao longo dos anos, ficou evidente para ele que esta é a parte mais importante de sua teoria de aquisição de segunda língua.

A hipótese do *input* postula que adquirimos a língua de uma forma essencialmente simples — quando compreendemos a mensagem. Tentamos várias outras formas — aprender regras gramaticais, memorizar vocabulário, usamos equipamentos caros, formas de terapia de grupo etc. O que nos escapou nesses anos todos, no entanto, é que o ingrediente essencial é o *input* compreensível (Krashen, 1985: vii).

A hipótese prevê que existe apenas uma forma de adquirir a língua: compreendendo mensagens, ou seja, recebendo '*input* compreensível'. A hipótese, segundo Krashen (1985: 2) tem dois corolários:

- (a) A fala é o resultado da aquisição e não sua causa. A fala não pode ser ensinada diretamente, mas 'emerge' por si mesma como resultado da competência construída via *input* compreensível.
- (b) Se há uma quantidade suficiente de *input* e ele é compreendido, a gramática necessária é fornecida. O professor não precisa tentar, de forma deliberada, ensinar a próxima estrutura ao longo da ordem natural — ela será provida na quantidade exata e será automaticamente revisada se o aprendiz receber uma quantidade suficiente de *input* compreensível.

Para explicar o processamento do *input*, Krashen recorre a um construto de Chomsky⁷ — o dispositivo de aquisição de linguagem (DAL) — um processador interno de linguagem característico dos seres humanos. Segundo Krashen, o aprendiz não adquire apenas o que ouve, pois existe também a contribuição do DAL que gera regras possíveis de acordo com os processos inatos. Apesar de reconhecer as variações de

⁵ Krashen (1985: vii) diz que não inventou essa hipótese, apenas nomeou e refinou a ideia já presente em outros trabalhos como os de Macnamara (1973) e Oller (1979), dentre outros.

⁷ Apesar de Chomsky ter desenvolvido seus estudos para a língua materna, sua tese inatista de aquisição de primeira língua foi apropriada por Krashen e seus construtos, utilizados na elaboração da hipótese do *input*.

estilos cognitivos, Krashen é enfático ao afirmar que todos aprendem da mesma forma. Assim como existe um sistema da visão idêntico em todos os humanos, o mesmo pode ser dito da faculdade de linguagem, como proposta por Chomsky.

O *input* compreensível é uma condição necessária, mas não é suficiente para a aquisição. Krashen (1985: 3) conclui: "O aprendiz precisa estar 'aberto' ao *input*" e defende sua última hipótese — o filtro afetivo.

"O **filtro afetivo** é um bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizar plenamente o *input* compreensível que recebem para a aquisição de língua". Aprendizizes pouco motivados, inseguros, ansiosos e com baixa autoestima teriam um filtro afetivo alto, o que impediria a conexão do *input* com o DAL. Krashen radicaliza ao afirmar que com o filtro afetivo alto "o aprendiz pode compreender o que ouve ou lê, mas o *input* não atingirá o DAL" (p. 3). O contraponto estaria nos aprendizes motivados, com autoestima elevada e que se veem como membros futuros da comunidade de falantes da língua em processo de aquisição.

Krashen (1985: 4) sintetiza as cinco hipóteses com a seguinte formulação:

As pessoas só adquirem uma segunda língua se conseguem *input* compreensível e se seu filtro afetivo estiver baixo o suficiente para permitir a entrada do *input*. Quando o filtro está 'baixo' e é apresentado *input* compreensível apropriado (e compreendido), a aquisição é inevitável e o 'órgão mental' da linguagem funcionará automaticamente como qualquer outro órgão.

Krashen (1985: 9-10) afirma que a hipótese do *input* explica o período silencioso observado na aquisição de uma segunda língua por crianças quando migram para outros países. Ele afirma que, como os adultos não são autorizados a ficar silenciosos por muito tempo na sala de aula, isso gera ansiedade e também interferência da primeira língua. Esses aprendizes são obrigados a recorrer a regras da primeira língua quando ainda não têm disponíveis as regras da segunda.

Atualmente, Krashen prefere usar o termo hipótese da compreensão no lugar de hipótese do *input*. "A hipótese da compreensão afirma que adquirimos a língua quando compreendemos mensagens, quando entendemos o que as pessoas nos dizem e quando compreendemos o que lemos" (Krashen, 2004: 21). Dessa forma, ele muda o foco do

exterior ao indivíduo para o interior. Novamente, ele dá crédito a outros pesquisadores, dizendo:

A hipótese da compreensão não é nova para mim. No campo da aquisição de segunda língua, James Asher e Harris Winitz discutiram a importância da compreensão anos antes de mim. No campo do ensino de língua, Kenneth Goodman e Frank Smith hipotetizaram que "nós aprendemos a ler, lendo", nós lemos para aprender a entender o que está na página.

Krashen (2004) afirma que, para sobreviver, uma hipótese precisa ser consistente com os resultados de pesquisa e afirma que isso tem acontecido ao longo dos anos, não apenas em suas pesquisas, mas na de outros pesquisadores também. Ele continua advogando a relação dessa hipótese com as demais: hipótese da aquisição, do filtro afetivo, da ordem previsível e do monitor.

Novamente, Krashen (2004) enfatiza que é o *input* que causa aquisição e não o *output*. Segundo ele,

[o] *output* oral (fala) convida o *input* auditivo, via conversação. Se você fala, alguém te responde. A hipótese da compreensão prevê, no entanto, que a contribuição da conversação para a aquisição de língua é o que a outra pessoa diz a você, não o que você diz a ela.

Nesse mesmo texto, Krashen afirma que a hipótese da compreensão prevê que a língua materna ajuda a tornar o *input* mais compreensível, como, por exemplo, quando o professor fornece contexto ou quando lemos na nossa língua explicações sobre um tópico complexo antes de sua leitura na língua estrangeira.

4. Críticas ao modelo

As hipóteses de Krashen sofreram inúmeros ataques tanto de pesquisadores da aquisição como de professores que não se conformavam com um modelo que minimizava a importância do ensino formal do idioma. Tantas e diversas foram e são as críticas a Krashen que McLaughlin (1987) concluiu que "bater" em Krashen se transformou no passatempo predileto nos congressos e periódicos dedicados à pesquisa sobre aquisição de segunda língua.

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva

aquisição de segunda língua

Editor
Marcos Marcionilo

CONSELHO EDITORIAL

Ana Stahl Zilles [Unisinos]
Angela Paiva Dionísio [UFPE]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUC-SP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavilliil Rajagopalan [UNICAMP]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFES]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Roberto Mulinacci [Universidade de Bolonha]

Roxane Rojo [UNICAMP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

Sírio Possenti [UNICAMP]

Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

